

Distrito Federal terá

Mesmo assim a produção local não será

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 12 de janeiro de 1986

uma das melhores safras

suficiente para abastecer o mercado consumidor

Enquanto a região Sul do País sofre as consequências de uma seca sem precedentes, com a perda estimada de 30 por cento da produção de grãos, o Distrito Federal colhe os frutos de uma chuva calma e constante, com a perspectiva de uma boa safra de soja e milho. Mesmo assim, essa safra não vai equilibrar o mercado interno.

Estima-se que o Distrito Federal colherá 60 mil toneladas de soja este ano, o que é muito para uma cultura que apenas começa a dar seus primeiros resultados positivos, mas pouco em relação às 5 milhões de toneladas que serão perdidas no Sul do país. Isso se houver recuperação da produtividade, com chuvas ainda este mês. Caso contrário, as perdas podem chegar a 10 milhões de toneladas, segundo estimativas mais pessimistas.

Os produtores de soja, que no ano passado tiveram dificuldades para vender a produção, podem recuperar um pouco a confiança com bons negócios internos e externos, mas ainda estão esperando a abertura do mercado comprador, fechado na expectativa de boas chuvas no Sul.

O secretário da Cooperativa dos Produtores Agrícolas do Distrito Federal (Coopá-DF), Elias Valmor Marchese, esteve esta semana em São Paulo para iniciar os primeiros contatos com os compradores, mas não fechou nenhum negócio. Para ele, é evidente que a soja alcançará bons preços em virtude da escassez do produto. Para se ter uma idéia, a safra deste ano será de 12 milhões de toneladas no máximo (ou de apenas 10,5 milhões se a seca do sul persistir), equivalente ao total que foi esmagado para consumo interno no ano passado.

Como já existem exportações comprometidas, que terão de ser feitas com parte da produção do Sul e grande parte da produção do Distrito Federal, as perspectivas são de bons negócios para os produtores da região. E de maus negócios para os consumidores, que pagará este ano os mais altos preços em função da seca.

MILHO COMO ALTERNATIVA

O secretário da Coopá-DF acha que o momento é propício para o Governo estimular um maior plantio de milho no País, cultura que foi retomada na região geoeconómica após a superprodução de soja do ano passado, e que vem dando excelentes resultados. Elias Marchese não soube precisar quantas toneladas do produto serão colhidas este ano, mas acredita que será equivalente à soja, porque o milho tem uma produtividade superior à da soja.

"Se houvesse uma política dirigida para o plantio do milho, num programa de aproveitamento do produto inclui nela a criação de aves e suínos, a fabricação de óleos comestíveis e a substituição do trigo na preparação de pães e outros produtos alimentícios, o Brasil poderia superar muitos de seus problemas no setor agrícola, como a importação do trigo, o alto preço da carne e a falta de substitutos para o óleo de soja", raciocina Elias.

Na sua opinião, o mal da produção agrícola brasileira está na política de incentivo do Governo, que estimula sempre um outro plantio e não dá continuidade ao processo através de programas de estocagem e comercialização. "Plantamos soja porque o Governo mandou e estimulou. Quando vimos que o mercado estava saturado, começamos a cultivar milho, mas de nada vai adiantar a nossa produção se o Brasil não consumir este milho", prevê o secretário da Coopá-DF.